

# NOTAS DE UM AMOR MORTÍFERO ENTRE MÃE E FILHA

## Notes on a deadly mother-daughter love

IZADORA DIAS DE SOUZA<sup>1</sup>  
CHRYSYIAN KROEFF<sup>2</sup>

---

RESUMO: A partir da série televisiva *The Act* (2019), utilizou-se da análise filmico-compreensiva de narrativa seriada (Azubel, 2018) para refletir sobre as implicações clínicas para a constituição psíquica e relacional mãe-filha quando atravessada pela Síndrome de Munchausen por Procuração. Os resultados desta reflexão sugerem a importância clínica de oferecer outra narrativa para as filhas que buscam tratamento ainda inscritas em uma relação fusional com suas mães.

PALAVRAS-CHAVE: Relação mãe e filha. Mãe fálica. Relação tanzante mãe-filha.

ABSTRACT: Based on the television series *The Act* (2019), the filmic-comprehensive analysis of a serial narrative (Azubel, 2018) was used to reflect on the clinical implications for the psychic constitution and mother-daughter relationship when crossed by Munchausen Syndrome by Proxy. The results of this reflection suggest the clinical importance of offering another narrative for daughters who seek treatment while still in a fusional relationship with their mothers.

KEYWORDS: Mother-daughter relationship. Phallic mother. Tantalizing mother-daughter relationship.

### 1. Introdução

“Às vezes, até os pais podem ficar confusos. E às vezes até os pais precisam de ajuda.” A série televisiva *The Act*, lançada em 2019, dramatiza o caso real de Gypsy Rose Blanchard e o assassinato de sua mãe, Claudine Blanchard, mais conhecida como Dee Dee, encontrada morta em 14 de junho de 2015, na casa em que as duas moravam em Springfield, Estados Unidos.

---

<sup>1</sup> Psicóloga (UNISINOS). Pós-graduanda em Avaliação Psicológica: contexto forense PUC-PR. E-mail: izadoradiasdesouza@gmail.com.

<sup>2</sup> Psicólogo (UFRGS). Mestre em Psicologia (UFRGS). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS, vinculado ao Grupo de Estudo, Aplicação e Pesquisa em Avaliação Psicológica (GEAPAP). Especialista em Avaliação Psicológica (CFP) e em Neuropsicologia (IPOG). Vinculado à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Gypsy Rose Blanchard frequenta hospitais desde a infância; segundo o relato da mãe, a menina apresenta uma vasta gama de doenças. Em decorrência disso, foi submetida a inúmeros procedimentos e tratamentos desde cedo. Dee Dee Blanchard é apresentada pela comunidade como uma mãe dedicada, que abdicou da própria vida para zelar pela filha.

Dee Dee apresenta uma série de comportamentos característicos da Síndrome de Munchausen por Procuração (SMP). A SMP é uma forma específica de maus-tratos contra a criança, que pode ser definida como a fabricação ou indução de doenças de forma deliberada pelo cuidador (Miziara, 2020). Além disso, é considerada uma forma de violência física, visto que exige a execução de uma série de exames e investigações extremamente penosas para a criança (Brasil, 2010).

Gypsy, ao mesmo tempo que reluta, também deseja ocupar esse lugar mortífero de objeto de desejo da mãe. Essas hibridizações de papéis, que contrastam a cor *rosa-bebê* exposta na casa, nas roupas e nos brinquedos, e o *vermelho-sangue*, que irrompe na menstruação e nas fantasias sexuais de Gypsy, exibem o choque entre a infantilização sustentada pela mãe e a tentativa de construção de uma outra narrativa de *self* por parte da filha.

## 2. Método

Trata-se de uma análise filmico-compreensiva de narrativa seriada, conforme descrita por Azubel (2018). A série contém uma temporada, composta por oito episódios de 48 a 60 minutos cada. Os dados foram coletados a partir das seguintes etapas: (1) selecionar e recortar; (2) descrever e transcrever; (3) reescrever e interpretar; (4) sintetizar e reinterpretar. A etapa de seleção e recorte constituiu-se como procedimento metodológico em que se elegeu toda a temporada de *The Act* como objeto de análise. Em seguida, foi realizada a decomposição da série por meio de descrições e transcrições das cenas e sequências.<sup>3</sup> Por último, foi feita a recomposição da série, dividida em dois momentos: (1) reconstituição imediata, recompondo todas as partes, com o objetivo de produzir uma contextualização do caso exposto; (2) reconstituição mediata, interpretando o que foi descrito e transcrito à luz da psicanálise, a fim de compreender as problemáticas postas na constituição psíquica e relacional mãe-filha do caso Gypsy e Claudine Blanchard.

---

<sup>3</sup> A maior parte dos episódios foi transcrita na íntegra; entretanto, nem todos os diálogos foram transcritos por completo. Seguindo a mesma linha metodológica de Azubel (2018), optou-se por trabalhar com as falas que realmente delinhassem uma compreensão do todo e que tivessem relevância para o avanço da história.

### 3. The Act

#### 3.1 O fantasma do pai

Gypsy Rose Blanchard nasceu em 1991 no estado de Louisiana, filha de Claudine Blanchard (mais conhecida como Dee Dee) e Rod Blanchard. Quando se conheceram, Dee Dee tinha 24 anos e era 7 anos mais velha que Rod. O casamento veio logo após a gravidez, mas a união dos dois não durou muito. Rod expressou que, apesar de amar Gypsy, achou que era mais fácil deixá-la com Dee Dee. Sentia-se culpado por não ter visto a filha crescer, mas alega ter tentado visitá-la inúmeras vezes; porém, a ex-mulher sempre vinha com desculpas e mudava seu endereço constantemente, impedindo-o de conviver com a menina.

De alguma forma, podemos perceber um pai minguado, que apesar de desconfiar da ex-mulher, cumpria seus mandatários e permanecia distante da filha. A mãe fálica, que reserva para si a posse de todo poder, dificilmente elegeria um parceiro que confrontasse seu domínio. Assim, esse outro precisa ser enfraquecido, irreconhecido, desvalido, dispensável, para que a mãe possa estar absoluta, sem conceber nem admitir sua incompletude, sua não exclusividade ou sua mortalidade (Meira, 2021).

Pode-se perceber que esse outro precisa ser nada para que a mãe possa ser irrestrita. A mãe foi carne, foi víscera, foi órgão; o pai já se conhece alheio, é o convite ao exogâmico (Meira, 2021). Admitir a presença desse pai colocaria em risco a totalidade materna. Significaria dizer: eu não sou *tudo*, eu não sou *toda*; portanto, essa mãe que devora e esse terceiro que se permite ser devorado cria a imagem oca de alguém que nunca esteve lá, mas que vaga tal qual um fantasma nessa relação mãe e filha.

#### 3.2 A mãe e a mãe da mãe

Emma, mãe de Dee Dee, não dava espaço para que a filha pudesse vivenciar a maternidade. Descrevia-se como sempre sabendo o que era melhor para criança, invalidando Dee Dee constantemente e igualmente tolhendo o pai. Tal qual os contos de fadas, em que a bruxa má não amaldiçoa apenas a menina, mas a sua prole, a avó cobrava da filha que lhe restituísse o bebê perdido, perfeito, sacralizado, que ela, Dee Dee, não conseguiu ser. Nesse sentido, talvez Gypsy representasse para a avó um reparo narcísico dessa filha que ela rejeita como sua.

Desde o nascimento de Gypsy, Dee Dee manteve um semblante preocupado e repetiu inúmeras vezes que havia algo de errado com a filha. Quando ainda bebê, Gypsy foi diagnosticada com Deficiência do Desenvolvimento: estado comum em que a criança se encontra mais magra e menor do que deveria estar. Apesar da enfermidade da filha, a genitora passou a encontrar alívio no olhar médico, modificando sua expressão facial ao escutar os incentivos do clínico pediatra.

De certa forma, Dee Dee – que não tinha construído carreira e família, não tinha amigos e era considerada uma fracassada pela mãe, que mais lhe feria do que lhe amava – viu na filha a possibilidade de se afirmar para o mundo como capaz, como se ser mãe fosse a possibilidade de dar nome e significado a uma identidade que até o momento era vista como descartável.

Em 1993, Dee Dee foi condenada a seis meses de prisão por fraude em cheques sem fundo e se viu obrigada a abrir mão de seu controle materno. A genitora implorou para que a mãe seguisse exatamente a rotina dada pelo médico a Gypsy. A avó, em tom debochado, disse que elas passariam ótimos momentos juntas, passando a chamar Gypsy de *filha*. A face das personagens na cena revela, aqui, a imbricada dinâmica psíquica de disputa entre mãe(s) e filha(s). É na queda dos semblantes que a devastação se dá a ver, revelando um gozo opaco, refratário à ordem simbólica; devastar é tornar deserto, despovoar, remetendo a uma destruição completa, a um aniquilamento (Marcos, 2011).

O ódio nos olhos de Dee Dee saltava sobre o corpo da mãe. Como ela poderia sacar-lhe um pedaço seu? Como era capaz de esburacar-lhe o ventre e remover de dentro seu filhote? Já lhe foi tirado tanto. Sem qualquer dúvida, merece uma compensação, uma pensão vitalícia pelo acidente da castração que lhe foi indevidamente causado (Meira, 2021). Essa problemática da indiferenciação, da indistinção vampiresca mãe-criança, vai revelando não somente aquela da mãe e da filha, mas também aquela entre a mãe, ela mesma e sua própria mãe, numa identificação vampiresca, numa anulação da diferença de gerações que deixa para cada uma o fardo dos lutos precedentes impossíveis (Parat, 2011).

Quando saiu da prisão, a avó disse a Dee Dee que a criança estava bem desde que ela se foi, salientando que Dee Dee seria um problema e que Gypsy ficaria muito melhor com ela. Dee Dee reagiu às investidas da mãe, protegendo ainda mais Gypsy do mundo externo, exagerando nos remédios “só pra garantir” e não permitindo que ela brincasse com outras crianças. Quando, por dependência do amor materno ou por culpa por não poder se afastar da mãe, a filha consola-se, identificando-se com a mãe, em exercer um dia, por seu turno, o mesmo poder sobre a filha (Zalberg, 2003).

Ao mesmo tempo que Emma implorava pela ajuda da filha, dizia a Dee Dee que era impossível amá-la. Ora Emma atacava e destruía, não deixando dúvidas de seus sentimentos hostis em relação à filha (Meira, 2021), ora lhe tratava com apego e implorava pela sua ajuda. Já Dee Dee, paralelamente às suas demonstrações de afeto pela mãe em seu fenecimento, ameaçava-a com asilo, fingia não escutar seus pedidos de ajuda e modificava seus remédios, oscilando entre cuidado e sadismo com o objeto materno. Essa dinâmica se manteve até a morte de Emma, em 1977.

### 3.3 O sinistro canto da sereia

Depois da morte da mãe e da separação de Rod, Dee Dee se mudou sucessivas vezes e deu entrada em diversos hospitais, alegando que a filha estaria muito doente. Desde os 5 anos, Gypsy foi forçada a usar medicações, cadeira de rodas, sondas gastrointestinais, aparelhos cardiorrespiratórios e a realizar intervenções cirúrgicas.

Além disso, Dee Dee, toda vez que era contrariada por algum médico, não voltava mais ao serviço e dava entrada em outra unidade. A evasão do ambiente hospitalar é um risco frequentemente citado entre os estudos relacionados à Síndrome de Munchausen (Franco, 2020).

Como parte do enredo, Dee Dee não permitiu que Gypsy respondesse por si própria, sempre falando por ela em consultas e entrevistas. Quando questionada sobre a falta de comprovações sobre o quadro da filha, Dee Dee contava uma falsa história de que a família havia perdido tudo no furacão Katrina, em 2005.

Portanto, afirmava categoricamente que a filha foi tratada e/ou possuía as mais diferentes enfermidades, como leucemia, anemia, epilepsia, má-formação cardiovascular, atrofia muscular, apneia do sono, paralisia, disfagia, deficiência intelectual, alergias, esclerose múltipla, entre outras. Na clínica das histórias de captura, vê-se a tamanha sujeição nas filhas caídas sob os olhos e emudecidas pela impotente voz de comando de uma mãe fálica, pois ela será ouvinte de uma só voz: a sua (Meira, 2021).

Dee Dee não trabalhava, dedicava-se exclusivamente aos cuidados da filha e vivia de doações. Para isso, falsificava receituários médicos e manipulava as informações em benefício próprio. A genitora sempre relatava que nasceu para ser mãe da Gypsy, que a filha a salvou e lhe deu o mundo, não possuía outros vínculos sociais, tinha bastante dificuldade para falar sobre si mesma e interagir em assuntos que não fossem sobre a filha. Essa falta de outros mundos, outros objetos de desejo, vão fazendo cerco nessa filha que se torna *tudo*, se torna *mundo*; mas se torna *muda* – fica impedida de nascer psiquicamente, para que a mãe siga senhora desse corpo sequestrado.

Dee Dee não cogitava que a filha pudesse se desenvolver e construir uma vida longe dela, alimentando uma relação fusionada com ela: dando-lhe banho, escolhendo suas roupas, alimentando-a por via enteral, controlando seu calendário menstrual, colocando-a para dormir na mesma cama e lhe contando histórias para adormecer. Todos esses atos remontam a uma dinâmica infantil caracterizada por Winnicott (1956/2000) como uma *preocupação materna primária*, em que a mãe e o bebê encontram-se em um estado não diferenciado, de modo que um não existe sem o outro.

A mãe é este primeiro Outro, mas um Outro encarregado de introduzir o corpo da criança nas primeiras exigências do discurso: ela é necessariamente um objeto decepcionante (Marcos, 2011). Em um primeiro momento, esse estado de extrema dependência é constitutivo; entretanto, a mãe precisa sair desse

imbróglío de total entrega para que o bebê possa crescer. Ao custo para a criança de se apoiar e se desvencilhar progressivamente, no eterno desmame de uma fusão sonhada que age tanto como fantasma de uma beatitude perdida, como retorno a uma indistinção vampiresca mortífera ao corpo da mãe (Parat, 2011).

Quando não consegue realizar esse corte, ao estar toda lá, sempre lá, ao nunca se ausentar, a mãe fálica se furta à consciência da sua própria falta. Impede, também, que o bebê vivencie a falta, que realize o trabalho psíquico de criar objetos substitutivos e simbólicos para lidar com a angústia de separação (Meira, 2021). Gypsy permaneceu capturada por esse sinistro materno que buscava restaurar de forma postiça um estado de completude que já não podia mais ser recuperado. O desejo não intervém, é um encontro com um acontecimento des-simbolizante, uma excitação roubada, uma fraude, um gozo mortífero que desestrutura e que aniquila a capacidade desejan-te (Tesone, 2005).

Sequestrada pela mãe, seu corpo permaneceu preso ao dela. A cânula de alimentação costurada em seu corpo, tal qual um cordão umbilical plástico, não deixava de ser parte do voraz enlace com a mãe. É como se a mãe lhe garantisse: *és a razão do meu viver, o mundo somos nós*; deixando para a filha o pesado encargo de ser tomada de todo por essa mãe toda (Meira, 2021).

Dee Dee chamava frequentemente Gypsy de “meu bebê”, combinava sua roupa com as da filha, como se estivessem sob a mesma carne. Nessa mistura de corpos, não fica claro onde o corpo de uma termina e onde começa o corpo da outra (Zalberg, 2003). Firma-se um pacto mútuo: Gypsy permanecia no lugar de bebê, enquanto Dee Dee só poderia existir enquanto mãe (Silva, 2019).

Nesse desejo mortífero de permanecer soberana, como aquela que tudo germinou e de tudo se encarregou para que ambas pudessem permanecer *uma*, qualquer investimento de singularização é percebido como um rasgo nesse corpo siamês. Portanto, o mínimo de movimento para fora é duramente combatido pelo narcisismo materno.

O corpo da filha permanece em uma devastação fálica, na qual há uma penhora do gozo da filha pelo gozo da mãe. Dee Dee sempre mentia sobre a idade da filha, adiando ao máximo sua passagem pela infância e trazendo a adultez como algo ruim. O estado regressivo materno, no qual há um deslocamento total para as demandas do bebê, parece não ter cessado com o crescimento de Gypsy, bem como a falta de uma rede de apoio a Dee Dee parece ter contribuído tanto para um desamparo materno quanto para um afunilamento entre mãe-filha para além do período esperado. Dessa forma, há um duplo aprisionamento: não há a existência de uma sem a outra.

É na intolerância de que essa filha possa crescer e desenredar-se da relação idílica que a mãe a captura para si, aquela que um dia viveu em seu útero permanece pregada às vísceras maternas sem a possibilidade de ser outra coisa, senão o *bebê da mãe*. Esse amor escrito em letras de sangrentas delega à filha o dever de pagar a mãe com a própria existência, para que então elas possam existir, não como duas, mas como uma, unidas em um só corpo como um dia foram.

### **3.4 O sinistro materno: onde termina o corpo da mãe e onde começa o meu?**

A casa para a qual se mudaram em 2008 e na qual moraram pelos sete anos seguintes fora construída pela *Habitat for Humanity*, uma organização sem fins lucrativos que constrói moradias para pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A residência tinha a aparência de uma casa de bonecas.

Gypsy tinha a voz fina e aguda como a de uma criança, usava a cabeça raspada, estava abaixo do peso, fazia uso de próteses dentárias, tubos de oxigênio e passava a maior parte do tempo sentada na cadeira de rodas. Ela era simpática com todos, sorrindo constantemente e possuía um aspecto imaturo marcante na sua fisionomia.

Na vizinhança do bairro, Gypsy aproximou-se de Layse, que na época estava experienciando os dilemas da adolescência e entrada na vida adulta. As conversas com a amiga sobre identidade, sexualidade, corpo, entre outras coisas, faziam Gypsy ter vontade de explorar essas outras vivências, desejando ser como Layse e suas amigas.

Gypsy fantasiava, pesquisando imagens e vídeos na internet sobre melhores amigas, beijo, namorado, maquiagem. Tais acontecimentos foram de alguma forma construindo uma outra narrativa de si mesma em privado, longe das invasões maternas. Como formulado por Zalberg (2003), mais do que ser, a feminilidade é tornar-se.

A mulher inscrita neste campo de “não-toda” ressalta uma divisão: parte está inscrita na função fálica, aquela que permite a um ser estar inserido no mundo simbólico, poder falar, comunicar-se numa dada ordem cultural; outra parte está fora da ordem fálica, fora do simbólico, e com isso queremos ressaltar o que é da ordem do impossível de se dizer, do buraco, da falta (Grant, 1998). Ou seja, é preciso inventar-se como mulher, de forma que a parte inscrita para fora da ordem fálica não represente um vazio, mas sim um para além, como um espaço ímpar de criação de um eu-mulher-menina absolutamente singular.

Somado a isso, as mentiras contadas pela mãe sobre seu estado de saúde começaram a ser percebidas por ela. Em um dos momentos, escutou o médico dizer à mãe que era impossível que ela pudesse ter alergia a açúcar. Gypsy optou por testar em segredo, provando um pouco de chantilly, e percebeu que as afirmações da mãe de que morreria asfíxiada eram falsas. As mentiras abalaram sua confiança na genitora.

Apesar disso, Gypsy manteve uma relação de intenso amor e hostilidade com a mãe; ao mesmo tempo que sentia raiva por não lhe permitir crescer, Gypsy a amava e tinha um fervoroso medo de perdê-la, defendendo e, muitas vezes, justificando os atos manipuladores da mãe. O temor de ser privada do amor da mãe e, conseqüentemente, não existir mais sem ele acabava por impedir as tentativas da filha de separar-se, prolongando sua permanência sob a dominação amorosa e erótica da mãe (Zalberg, 2003). Afinal, desvencilhar-se de Dee

Dee também implicava desvencilhar-se de si mesma, visto que circundava em Gypsy uma questão central: quem sou eu? absolutamente *nada* – era preciso inventar-se. Precisamos saber o que somos capazes de produzir, principalmente em matéria de ser (Lacan, 1975/1985).

### 3.5 Intrusos

Numa de suas saídas, Gypsy foi a uma convenção de *cosplay*<sup>4</sup> caracterizada de Cinderela. Durante o evento, ela conheceu Scott, um homem de cerca de 35 anos, com barba e cabelos levemente grisalhos. Sentiu-se atraída por ele e decidiu furtar o dinheiro da mãe para comprar um celular pré-pago em segredo e trocar mensagens com o rapaz. O ato de transgredir aos mandatórios maternos vai construindo outros caminhos que não haviam sido explorados anteriormente, talhando cisões nesse corpo siamês mãe-filha.

O relacionamento do casal era bastante imaginativo. Gypsy relatou a Laysa que havia conhecido seu *príncipe encantado*, que iriam se casar, ter dois filhos e que ele a levaria para bem longe dali. Gypsy contou a ela que havia criado em segredo um perfil no Facebook chamado “Emma Rose” para trocar mensagens com ele, sentindo-se vibrante por ter um segredo com a amiga. Tal qual um conto de fadas, em que o príncipe encantado salva a princesa da bruxa má, Gypsy esperava que Scott a resgatasse desse engolfo mortífero com a mãe.

Gypsy usava o *notebook* escondido para buscar fotos de Jean Grey e Wolverine<sup>5,6</sup> namorando, misturando o onírico e a realidade. As pequenas violações no pacto de sangue mãe-filha vão esquadrinhando tímidas e arriscadas saídas daquela relação tanzalizante. Nas histórias de captura, é pela pulsão de morte que o pacto narcísico poderá ser rescindido; é com ela que se conta para revelar o que foi calado, para separar o que se manteve unido, para promover separações e provocar desuniões (Meira, 2021). Interessante e sinistro paradoxo: é pela pulsão de morte que podemos ter vida nesse jogo tramado entre impedimentos e destruições.

Gypsy e o príncipe conversaram por cerca de um mês à distância até que ela fugiu para encontrá-lo. Ao vê-lo, Gypsy começou a tratá-lo de forma bastante maternal. Scott achou estranho o jeito como Gypsy falava sobre ele ser seu *príncipe*, seu *herói*, seu *bebê*. Não há outro repertório que não o repertório da mãe. As palavras de amor são as palavras da mãe, pois a única língua falada em matéria de afeto é a *língua da mãe*.

Gypsy usava na cabeça a peruca vermelha que ele lhe havia enviado.<sup>7</sup> Nessa triangulação Ciclope-Wolverine-Jean Grey, em um dos momentos ela menciona: “Seria tão romântico se depois de todo esse tempo o Wolverine e

<sup>4</sup> Prática que corresponde a vestir-se e comportar-se como se fosse um personagem.

<sup>5</sup> Personagens da série em quadrinhos *X-Men*, criada pela companhia Marvel Comics.

<sup>6</sup> Scott estava fantasiado de Wolverine durante a convenção.

<sup>7</sup> A peruca vermelha faz referência a Jean Grey, par romântico de Wolverine em *X-Men*.

a Jean Grey ficassem juntos e ela finalmente se livrasse do malvado do Cíclope”. Cíclope, como descrito nos quadrinhos de *X-Men*, emite raios perfurantes pelos olhos, tais como as profundas perfurações maternas feitas por Dee Dee. Também descritos na mitologia grega, os ciclopes possuíam um grande olho na região da testa e no lugar dos olhos havia apenas covas falsas.

Ao descobrir a fuga, Dee Dee convenceu a filha a voltar para casa, prometendo que permitiria a visita de Scott e que entendia que ela havia crescido. Porém, a mãe a cercou ainda mais depois do ocorrido. Essa mãe-fálica-cíclope que tudo vê e que tudo corta vai construindo labirintos que não são possíveis de escapar. Por mais voltas que se dê, por mais estradas que se pegue, acaba por retornar aos braços da mãe, nem que para isso precise deixar a própria vida em suspenso (Meira, 2021).

Uma mãe incapaz de dar corporeidade ao corpo crescido da filha certamente seguirá compreendendo-a como simples extensão do seu. O investimento desmesurado por parte de uma mãe é sempre acompanhado de uma falta, pois o que a mãe ama é sua própria imagem idealizada (Zalberg, 2003). Sendo assim, o fardo de carregar os desejos narcísicos da mãe instaura um intenso conflito interno: realizar os próprios anseios e ser alvo da fúria materna ou jamais constituir-se como ser *uno*.

Em seu aniversário de 18 anos, quando na verdade Gypsy fazia 22, Dee Dee viu limites sendo impostos na sua relação com a filha quando tentou realizar um procedimento invasivo de drenagem no canal auditivo da filha e foi informada pela atendente que era necessário a autorização de Gypsy para a execução. Encurralada, convenceu a filha de que ela seria presa pelas mentiras que contaram, caso não assinasse um termo de plenos poderes para a genitora. Misturas sinistras de prazer em ter total controle e agonia de deixar de existir caso não seja mãe: como se autodenominar senão como mãe de Gypsy? Como preencher esse ventre que permanece chorando a saída da cria?

### 3.6 Sobre as dores e as delícias de ser sua

Gypsy se sentia cada vez mais asfixiada por essa mãe *toda* e usava um *notebook* comprado com o dinheiro furtado da genitora para comunicar-se com Nicholas Godejohn, um jovem da sua idade, que havia conhecido em um *site* de namoro *online*. Gypsy sentia-se amada, aceita e protegida por Nicholas; e ele sentia o mesmo por ela.

Em uma de suas conversas, ele relatou que tinha múltiplas personalidades e que uma delas seria mais sombria, descrevendo-a como Victor, um vampiro altamente treinado para matar. O relacionamento dos dois envolvia fantasias sexuais em torno do BDSM.<sup>8</sup> Nicholas, conhecido como Nick, tornava-se o parceiro dominante, controlando psicológica e fisicamente Gypsy, que assumia o papel da submissão. O BDSM organiza-se a partir de uma rígida hierarquia, na

<sup>8</sup> Agrupamento de práticas envolvendo *bondage*, disciplina, dominação e submissão.

qual as posições de dominação e submissão eróticas são pensadas como parte da identidade de cada sujeito (Silva, 2018).

Faz parte da cena erótica em torno do BDSM o prazer pela entrega da própria vida nas mãos de seu dono, que, por sua vez, controla e sustenta seu criado. Essa performance remonta a primitivas dinâmicas psíquicas: da mesma forma que a mãe domina bebê, nomeia seus sentidos, erotiza seu corpo, o bebê sente prazer em ser dominado e cuidado por essa mãe toda.

Nick mantinha uma relação erótica e paternal com Gypsy; ela o chamava de *papai* e *senhor*, enquanto ele a chamava de *querida*, mesmo apelido usado por sua mãe para chamá-la. De certa forma, essa estrutura de dominação parece tremendamente similar com a dinâmica incestuosa que Gypsy mantém com a mãe, que segue estendendo seu *todo-poder* pelo corpo da filha. Entretanto, também se pode pensar nessa figura do “papai”, como esse outro que atravessa a relação mãe-filha e talha caminhos de diferenciação entre a díade.

É importante conceber esse pai não como carne e osso, mas como uma figura simbólica de triangulação que oferece outro objeto de investimento para Gypsy. Conceber o psiquismo a partir do falo ou pensá-lo a partir de outro significante para as mulheres seria reproduzir uma essencialização pouco interessante, porque também se deixaria de representar uma pluralidade de pessoas e de grupos (Martins, 2021). Assim, pode-se ampliar a compreensão de triangulação e pensar aqui nesse Outro simbólico, que retira Gypsy do sepulcro materno, mesmo que via cesárea.

Portanto, na dinâmica entre Gypsy e os objetos que a resgatam da simbiose materna, parece proveitoso pensar além da triangulação clássica psicanalítica. Mais do que a saída da conflitiva pelo desejo de ter um bebê, há que se pensar em uma saída pelo *desejo*, livre para expressar-se e produzir novos rumos. Escapa-se então de restringir o pensamento a noções binárias de feminino/masculino, sexo/gênero, natureza/cultura, heterossexualidade/homossexualidade, para compreender a constituição subjetiva como algo que é vivido e constantemente reiterado de forma imanente às relações de poder, as possibilidades de modificação e subversão, inclusive do simbólico (Arán, 2009).

### 3.7 A torre, a bruxa e o príncipe

Retornando à temática das fantasias eróticas, Gypsy criou Ruby, uma menina de cabelos longos que tem uma madrasta má, como no conto da Rapunzel. Vestia-se com uma peruca longa e usava roupas que mostravam mais seu corpo de uma forma erótica. Se pensarmos no conto da Rapunzel, sua história é profundamente marcada pela trama do filho como possessão materna (Corso, 2006). Na história, era por seus compridos cabelos que o príncipe acessava a torre para salvá-la. O processo do conto vai num crescente isolamento da filha com a mãe até a separação radical, deixando claro que fora da torre uterina só há um deserto (Corso, 2006). Dessa forma, raspar-lhe a cabeça não seria uma

maneira de interditar o acesso? Torná-la indesejável, para que ninguém ousasse subir a torre. Do mesmo modo, colocar uma peruca não seria também um jeito, mesmo que postiço, de marcar uma entrada? Polinizar esse corpo que até então só foi tocado pela mãe.

Em uma das cenas, a mãe descobriu o *notebook* escondido da filha e o quebrou com violência. Transtornada pela reação desafiadora de Gypsy, Dee Dee envolveu uma fita de cetim azul nos pulsos da filha e os prendeu com força.

O amor simbiótico não tem portas, a única saída é pela janela, isto é, sendo jogado para fora do continente materno (Corso, 2006). Dee Dee reagia com afinco a quaisquer tentativas de individualização, estendia seus tentáculos pelo corpo da filha. Atormentava-lhe a ideia de que aquele ventre cheio se tornasse novamente vazio, faltoso. Gypsy relutava contra as violências da mãe e cuspiu em seu rosto, demonstrando sua insubordinação às coerções feitas por ela. Quando Dee Dee soltou a amarração, caiu em prantos e implorou para que a filha não a abandonasse. Gypsy correu em direção à porta de saída da casa, mas o choro de sua mãe penetrava em seus ouvidos; ela não conseguiu sair da residência e retornou ao quarto, acariciando Dee Dee e dizendo-lhe: “Eu sou seu anjo, eu te protejo e você me protege”. Culpada e sentindo-se responsável pela mãe, seguiu presa ao corpo dela. Assim, a mãe atribui à prole o pesado encargo de sustentar a mãe fálica, sua onipotência, sua onipresença, vertendo sobre a cria seus desejos de ter tamponado aquilo que lhe falta. Nessa espécie de pacto de sangue, a filha fica indefesa para confessar a castração materna e a mãe lhe promete o amor eterno e o mais perfeito dos amores, o *amor de mãe*.

### 3.8 (Des)encantos

Depois do ocorrido, Gypsy tentou arquitetar um encontro de Nick com a mãe, de forma que ele causasse uma boa impressão. Entretanto, Dee Dee não gostou de Nick e o mandava ficar longe da filha, chamando-o de maluco e de pedófilo. De certa maneira, Nick representava uma ameaça ao golfo materno tantalizante que engole e coagula quaisquer tentativas de separação. Apesar de Gypsy tentar tornar Nick seu príncipe encantando, ensinando-lhe o que dizer, como se portar e como se vestir; Nick possuía muitas ideias incongruentes e tinha dificuldade em se adequar a novos contextos, dando a ele um aspecto excêntrico e deslocado. O choque entre a idealização de Gypsy e a realidade foi deixando uma marca acre nesse elo amoroso.

O ato sexual chegou a acontecer em uma das fugas de Gypsy, mas Nick se mantinha sempre desconectado da parceira durante a relação. Não se preocupava se Gypsy estava sentindo prazer ou não, tudo era muito rápido e limitado, resumido a penetração. Essa ressonância de relacionamentos que não se importam com seu desejo vai ecoando ao longo da história como velhos e familiares reveses. Repetições marcadas pela “pulsão de morte” deixam um sulco em uma

certa “naturalização” como destino (Marucco, 2007). Ao chegar em casa, Nick ligou para o telefone residencial e intimidou Dee Dee, que lidou de forma desproporcional com a situação e amarrou Gypsy na cama pela segunda vez. Apesar de não resistir fisicamente, estava internamente ressentida e com raiva da mãe. O que não pode ser dito, o forcluído, o que está excluído, mas incluído de outra forma, porque atua, não segue o mesmo caminho do recalque e precisará de um tempo, embora não determinado, para se pronunciar ou jamais o fará, é preciso inventar o caminho (Ferreira, 2009).

É interessante notar nessa passagem que, em uma de suas fantasias com Nick, Gypsy imaginou que ele lhe ordenava que se amarrasse na cama com um laço azul idêntico ao que a mãe lhe prendia. Desejo e trauma: ponto em que os caminhos se bifurcam (Marucco, 2007). Aos poucos, a filha vai percebendo que o confortável e aquecido ventre materno vai ficando com feições de arapuca, ratoeira, da qual é difícil sair viva. Tentar se desgrudar desse corpo seria como decepar partes de si mesma. A dor incontida daquilo que não se pode deter, o furioso e temível padecer que a repetição mantém ardente (Marucco, 2007).

Depois da falha tentativa de aproximar Nick da mãe e percebendo a impossibilidade de desagregar-se do cerne materno, Gypsy enviou uma mensagem a Nick dizendo: “finalmente eu consegui entender que você é tudo pra mim... eu quero ficar com você e viver nosso sonho”.

Gypsy pediu a ele que matasse a sua mãe, pois ela não conseguiria fazer isso sozinha. Impossibilitada de ser *uma* dentro da alienante relação com a mãe, a única saída parece a eliminação desse corpo gemelar. Como um ato de despedida, Gypsy tentou animar a mãe, fazendo suas unhas e convidando-a a ir ao médico trocar o tubo de alimentação. Gypsy oscilava entre felicidade e culpa por livrar-se da mãe. Não se trata aqui somente da perda de uma pessoa dita amada, mas, acima de tudo, da perda de si e do vazio de nada ser (Fonseca, 2012).

Na noite do assassinato, Gypsy abriu a porta para que o namorado entrasse, dando-lhe uma faca comprada com o dinheiro furtado da mãe, e trancou-se no banheiro para não ouvir os gritos de Dee Dee. Chorava e tremia muito durante o ato, já Nick agia de forma bastante tranquila e não tinha expressões faciais que indicassem preocupação ou culpa pelo ocorrido.

Gypsy, em estado de desespero, dissociou da realidade para um mundo de fantasia, dizendo: “eu estou muito animada para você me levar em uma *aventura*... você é o meu *príncipe*, por isso que veio me salvar”. Nick levou Gypsy para o quarto, levantou sua camisola e, novamente desconectado da relação sexual, os dois fizeram sexo. Apesar do desconforto de Gypsy, ele não parecia se afetar, colocando as calças de volta depois de estar satisfeito. Nessa fantasia sinistra, que mescla contos de fadas e filmes de terror na mesma cena, Gypsy permanece com seu desejo sequestrado, de modo que os seus anseios continuam ajoelhados aos caprichos alheios. Em um bailar sinuoso, o corpo segue sendo invadido, a mão que toca ainda fere.

### **3.9 Bonnie and Clyde or mommy and Clyde?**

Quando saíram da casa, Gypsy estava maquiada e usava uma roupa preto e branco, em contraponto às roupas rosas com que sua mãe a vestia. Naquela noite, houve matricídio ou suicídio das gêmeas? Uma parte de si mesma precisou morrer ali, junto à mãe, para que outra pudesse nascer. Sentindo-se feliz, o casal fugiu em um táxi em direção a um hotel de passagem, antes de viajarem para Wisconsin com destino à casa de Nick.

Entretanto, toda a excitação de Gypsy começou a dar lugar a uma intensa desidealização quando percebeu que Nick não era o príncipe que ela esperava. Gypsy desejava ser cuidada, mas acabou tendo que, muitas vezes, cuidar de Nick pela sua imaturidade. De fato, não é tão simples assim sair da torre-útero sem levar consigo as figuras daquele espaço.

Ao chegar em Wisconsin, o casal mentiu para os pais de Nick dizendo que a mãe de Gypsy a teria abandonado e que ela estava em um abrigo. Mas a todo momento, Gypsy encontrava-se num perverso dilema entre defender a mãe e romper com a sua imagem. A culpa por transgredir a lei da mãe e, para além disso, destituir a mãe, vai causando medo e angústia em Gypsy, que tenta amenizar os efeitos desse “golpe de governo” abrandando os questionáveis comportamentos maternos e dissociando-se da ideia de que teria matado seu objeto de amor. O mecanismo de negação se origina naquela fase muito inicial em que o ego em desenvolvimento procura se defender da mais séria e profunda de todas as ansiedades: o medo dos perseguidores internalizados e do id (Klein, 1921-1945/1996).

### **3.10 Querida mamãe morta**

Em uma das suas crises de culpa pela morte da mãe, Gypsy quis voltar, como se quisesse voltar no tempo. Devido à impossibilidade da situação, mas ainda querendo tirar sua mãe de lá, Gypsy e Nick publicaram a seguinte mensagem no Facebook que mãe e filha tinham em conjunto: “eu esfaqueei aquela porca gorda e estuprorei a sua doce inocente filha... o grito dela foi tão alto lol”, com o objetivo de chamar a atenção da polícia para que o corpo dela fosse encontrado. Essa ideia de porca, uma teriantropia que transforma a mãe em algo animalesco, desprovido de humanidade, demonstra como há confusão entre os sentimentos de amor e ódio pela figura materna.

Entretanto, Gypsy não desligou a localização antes de compartilhar a mensagem. Ela irrompeu em desespero e, mesmo após a prisão, negou categoricamente que tinha matado a mãe ou planejado isso, pois amava sua mãe e elas sempre foram melhores amigas. Esse suposto esquecimento na hora de publicar a mensagem nos revela um ato falho de expressões reprimidas em torno da culpa e do desejo de punição. Um ato escorregadio que transparece a busca por uma reestruturação simbólica da lei materna. Mesmo que a mãe já não esteja viva, o desejo permanece preso nas fundas valas da torre-útero.

Sem que ninguém lhe desse atenção durante a prisão, Gypsy fantasiava que sua mãe estava viva, evocando a imagem da genitora mentalmente para confortar-se. Talvez possamos buscar em Winnicott (1956/2000) o desenvolvimento da *internalização materna*, como forma de suportar a ansiedade de falta da mãe, trazendo-lhe conforto. Entretanto, nesse caso, a internalização simbólica precisa vir ao concreto para que possa dar conta das angústias de Gypsy. Assim, quando o sofrimento é vivido ao máximo e o desespero atinge seu auge, o indivíduo vê brotar novamente seu amor pelo objeto, sente que a vida continuará por dentro e o objeto amado pode ser preservado em seu interior (Klein, 1921-1945/1996).

#### 4. Considerações finais

Apesar do tom ficcional, *The Act* encena as relações de engolfamento materno que rotineiramente chegam às salas de atendimento. Entre essas três personagens: a filha, a mãe e a mãe da mãe, que se emaranham em um caldo perverso, não se pode desconsiderar o espaço privilegiado do analista em ser parteiro de uma vida psíquica até então abotoada no ventre da mãe.

Portanto, brota das fissuras desse corpo siamês a possibilidade de constituir outra narrativa. Entretanto, é fundamental que o analista não se empenhe em tentar ser o próximo príncipe, aquele que irá salvar a princesa das garras da mãe. Em vez disso, que seja mais como caminho do que como condução e absolutamente mais como percurso do que como linha de chegada.

#### Referências

- Arán, M. (2009). A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. *Rev. Estud. Fem.*, 17(3), 653-673.
- Azubel, L. L. R. (2018). Análise filmico-compreensiva da narrativa seriada: uma proposta metodológica para ler o imaginário em séries de TV. *Revista GEMInIS*, 9(2), 29-45.
- Brasil. (2010). Ministério da Saúde. *Linha de Cuidado para a Atenção Integral à Saúde de Crianças, Adolescentes e suas Famílias em Situação de Violências*. Brasília, DF.
- Corso, D. L., & Corso, M. (2006). *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed.
- Ferreira, J. B. (2009). Palavras do silêncio. *Cadernos de Psicanálise*, 31(22), 13-36.
- Fonseca, M. C. B. (2012). União e destruição: duas faces do amor. *Reverso*, 34(64), 63-68.
- Franco, J. de O. B. et al. (2020). Bioética e sociedade: transtorno factício autoimposto e imposto a outro. *Rev. Latino Am. Bioet.*, 20(1), 49-66.
- Grant, W. H. (1998). A mascarada e a feminilidade. *Psicol. USP*, 9(2), 249-260.
- Klein, M. (1996). *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago.

- Kuss, A. S. S. (2017). *Não pise no meu vazio*. São Paulo: Patuá.
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda (1975)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Marcos, C. (2011). Mãe e filha: da devastação e do amor. *Tempo Psicanalítico*, 43(2), 269-284.
- Martins, P. G. (2021). A norma do falo e a abjeção da mulher na psicanálise. *Revista Subjetividades*, 21(1), 1-12.
- Marucco, N. (2007). Entre a recordação e o destino: a repetição. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(1), 121-136.
- Meira, A. C. S. (2021). *Histórias de captura: investimentos mortíferos nas relações mãe e filha*. São Paulo: Blucher.
- Miziara, C. S. M. G. et al. (2020). Doença fabricada ou induzida pelos cuidadores: maus-tratos graves e silenciosos. *Saúde, Ética & Justiça*, 25(1), 28-31.
- Parat, H. (2011). O erótico maternal e suas encruzilhadas. *Jornal de Psicanálise*, 44(81), 127-144.
- Silva, M. J. A. da et al. (2019). As problemáticas na diferenciação entre mães e filhas: um estudo de caso. *Estilos da Clínica*, 24(3), 471-481.
- Silva, V. L. M. da. (2018). Sob a égide do chicote: uma leitura do amor na contemporaneidade. *Appris*, n. 33, 373-380.
- Tesone, J. E. (2005). Incesto: o corpo roubado. *Psicanálise e Cultura*, 41, 107-114.
- The Act. Criação de Nick Antosca e Michelle Dean. Estados Unidos: Hulu, 2019.
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna. In D. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1956)
- Zalberg, M. (2003). *A relação mãe & filha*. Rio de Janeiro: Campus